



Cultura e (efi)Ciência

José Teixeira*

Laborinho Lúcio, Presidente do Conselho Geral da Universidade do Minho, em 18 de janeiro de 2015, fechou a apresentação desta mesma revista *Forum*, revista das unidades culturais da Universidade do Minho, com a questão: "Se a Cultura não é um obstáculo para a eficiência, porque é que a eficiência há de ser um obstáculo para a Cultura?"

A questão tem a sua justificação no facto de ser ideia corrente que a noção de cultura implica aspetos não produtivos, não eficientes, aquilo que serve apenas para "ilustrar", no sentido de dar lustre, uma capa envernizadora, geralmente apenas decorativa, não podendo constituir uma qualquer realidade de essência.

Veio-me a lembrança da citada questão a propósito de ter sido pedido, aos Diretores das Unidades Culturais, algumas reflexões sobre cultura e a forma como a respetiva Unidade Cultural pode potenciar a marca Universidade do

* Presidente do Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho.

Minho. É que, na realidade, Cultura costuma mesmo ser emparelhada com ineficiência. Numa modernidade que corre a ritmo vertiginoso, sem as fronteiras espaciais e temporais que ainda não há muito pausavam os ritmos em que rodava o Mundo e os nossos mundos, nesta modernidade, a eficiência tornou-se o eldorado obrigatório que não se compadece com prazos longos ou a não visibilidade imediata de resultados.

Até porque "cultura" é um conceito algo escorregadio, polissêmico, polivalorativo, polienglobante – e com vários outros "polis". Esta polivalência pode ser vista como índice da sua ineficiência: em que é que consiste verdadeiramente a "mais autêntica" Cultura? Nos saberes fundadores da nossa civilização ocidental, gregos e latinos, o conhecimento renascentista, a arte e literaturas canônicas – as ditas Humanidades? Ou é mais o domínio das novas vivências sociais, do conhecimento do mundo dos nossos dias, das grandes questões económicas e científicas, das novas formas de arte, das revoluções comunicativas que se metamorfizam a ritmos que muitos já não acompanham? É tudo?, incluindo a cultura de massa que é cada vez mais visível nas artes, no urbanismo, na comunicação, cultura essa que as modernas tecnologias possibilitam e incrementam?

Se tudo é Cultura, nada de especial é Cultura. E o conceito esboroa-se em ineficiência.

Por outro lado, costuma-se apenas apor (quando não opor) a Cultura à Ciência. Esta é rigorosa, concreta, dotada de proveitos úteis, enquanto aquela é subjetiva, imaterial e sem uma finalidade utilitária. À eficiência da Ciência opõe-se a ineficiência da Cultura.

Ora a Universidade quer-se da (efi)Ciência. Isto é que deve constituir o seu núcleo. Então vai dispensar a Cultura? Não totalmente. Porque se bem que para muitas visões uma universidade "técnica" deve ser o núcleo de uma Universidade, no entanto, hoje ainda mantém (alguma) validade a ideia de que a Cultura deve ajudar a compor a "universitas". Deve apor-se à Ciência. Como aposto. Longe de ocupar qualquer centralidade.

Não falando já do lugar dos estudos humanísticos e culturais nas universidades,

as Unidades Culturais devem ajudar a cumprir a dimensão de "universitas", evidenciando o papel que a Cultura tem na universidade em que se inserem.

Por isso, pesem embora as vantagens inegáveis do seu enquadramento orgânico, pode também haver perigos à espreita no facto da existência de Unidades Culturais na Universidade.

As vantagens são, a meu ver, óbvias: a Universidade dispor de organismos com alguma autonomia para poderem promover, desenvolver e evidenciar atividades de Cultura que não tenham que se direccionar prioritariamente para a (conceito também em moda) "eficiência formativa".

Mas pode haver perigos: se essas unidades forem apenas os enfeites mais ou menos acessórios da árvore universitária. E para que não sejam, necessário será que tenham efetivamente a possibilidade de executarem atividades que promovam e fomentem, não apenas na Universidade, mas igualmente no meio social em que esta se insere, as dinâmicas e os objetos culturais a que se destinam.

Dentro deste enquadramento, o Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho (CEL) é uma unidade cultural com a idiosincrasia de a sua fundação não ter partido da Universidade, mas de alguém que deixou um legado patrimonial à mesma, com a contrapartida de esta manter um Centro de Estudos ligado à divulgação e preservação da língua e cultura portuguesas. Esta vontade testamentária do Comendador Nogueira da Silva, aliada, com certeza, ao desejo continuado da Universidade, tem dado a estabilidade e continuidade que o CEL tem tido e certamente continuará a ter como Unidade Cultural da UMinho.

Ora é neste caminho de divulgação e defesa da língua e todos os valores da cultura portuguesa que o Centro de Estudos Lusíadas se tem empenhado. Embora ainda tenha sido há pouco tempo que a Reitoria da UMinho me tenha confiado a presidência, como fiz parte da anterior equipa posso testemunhar (e sentir-me responsável para tentar continuar) o muito meritório percurso, dentro das suas especificidades, que o CEL tem feito.

É precisamente neste percurso que o CEL sempre procurou conciliar Cultura com efi(Ciência). Referindo apenas as atividades mais destacadas, toda a

temática sobre a Arte no Minho, em conferências, um colóquio e a publicação de um livro¹. Não havendo ainda uma sistematização feita sobre a influência dos principais movimentos arquitetónicos no Minho, foi preocupação fazer uma panorâmica global que permitisse colmatar essa falha. Por isso, a obra inclui estudos desde a Arte urbana no "Conventus Bracaraugustanus", a arquitetura românica e gótica no Minho, a arte no séc. XVI, Barroco e Rococó até ao Neomedievalismo e Ecletismo dos séculos XIX e XX.

Já com a temática de Fernão Mendes Pinto se procurou fazer ressaltar a forma como a língua e a cultura portuguesas contribuíram para a aproximação do Ocidente e do Oriente. Das conferências e Colóquio resultou a publicação da obra *Fernão Mendes Pinto e a Projeção de Portugal no Mundo*².

Com semelhante intuito de divulgar o papel que os portugueses tiveram nas mudanças culturais e científicas europeias a partir do Séc. XVI, levou o CEL a cabo um conjunto de atividades (várias conferências, um colóquio) de que resultou a obra *Judeus Portugueses no Mundo – Medicina e Cultura*³.

Por razões administrativas, ficou o CEL, na prática, inativo todo o ano de 2015 em virtude de, dos cinco elementos da Comissão Diretiva, um ter saído da Universidade do Minho e outros dois se terem aposentado, tendo sido um deles a Presidente. A oficialização da nomeação da nova Comissão Diretiva só aconteceu em 2016.

É propósito desta Comissão Diretiva a continuação do caminho percorrido da divulgação dos valores da língua e cultura portuguesas. Reforçará, contudo, a vontade de entender a Língua e a Cultura não apenas numa dimensão clássica e passadista. Nesse sentido, e continuando o trabalho da anterior Comissão Diretiva, irá apresentar dentro de poucos dias a obra *O Português como Língua num Mundo Global: problemas e potencialidades*⁴, resultante de um conjunto de conferências e Colóquio feitos no exercício da Comissão anterior sobre a língua portuguesa e o seu papel no mundo como língua global.

Dado que esta Comissão Diretiva escolheu para tema deste ano "Braga, Cultura e Contemporaneidade", organizámos uma visita-debate "Braga, Cultura e Contemporaneidade: a capela das metáforas de Braga" na Capela "Árvore da

Vida", vencedora do prémio ArchDaily 2011 para o edifício religioso com a melhor arquitetura (capela no Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo, Braga). A dimensão teológica foi apresentada por Vítor Sá e a dimensão arquitetónica pelos arquitetos autores da obra, Arquitetos António Jorge Cerejeira Fontes e André Cerejeira Fontes. O número de inscritos motivou dois turnos de visita.

E é dentro deste âmbito de inscrever o debate sobre Braga e Cultura na Contemporaneidade que se irá organizar a 30 de setembro o Colóquio "Braga: Espaços, Culturas e Contemporaneidade: Contributos para repensar a cidade e a cultura".

Programamos, para 2017, realizar um Colóquio com um grupo significativo de Professores japoneses da Universidade de Aichi sobre o Japão e os contactos ibéricos, projeto que está ainda a ser trabalhado.

Como por estas atividades agora destacadas se pode indiciar, procura sempre o CEL ligar Cultura e Ciência de um modo eficiente. Cultura e (efi)Ciência, poderá, assim, ser uma marca comum ao CEL e à UM e assim podermos contribuir para a divulgação e prestígio da marca "Universidade do Minho". Pensamos ser este o maior contributo que podemos dar, sobretudo estando atentos às novas realidades e aos novos desafios que equacionam a língua e a cultura portuguesas. Dentro das nossas possibilidades, obviamente. É que alguns constrangimentos dificultam este desiderato.

O maior é comum aos vários organismos da Universidade. Fazer o milagre da multiplicação, não dos pães e dos peixes, mas das verbas. Mas tem que haver um limite mínimo, para se poder fazer algo significativo. Porque dotações irrelevantes não podem dar para realizações relevantes. Seria bom se o Centro de Estudos Lusíadas tivesse um décimo de milésimo (sim, um décimo de milésimo) do orçamento da UM. Mas anda muito longe desse décimo de milésimo. Tem apenas 116 euros/mês...

Mas até dessa parquíssima verba não se pode fazer uma utilização descansada. É que os bloqueios dos fundos, as cativações e a prestação de contas só permitem que se use num restrito tempo do ano. E depois o processo de autorização de gastos é (e a queixa é genérica) verdadeiramente kafkiano.

O Comendador Nogueira da Silva viu bem a importância das Unidades Culturais para a marca Universidade. E viu que arte, ciência e cultura fazem um todo que sem uma das partes nunca dará a dimensão completa das mais profundas realizações humanas. Como disse Fernando Pessoa, pela voz de Álvaro de Campos,

*O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo.
O que há é pouca gente para dar por isso.*⁵

Também a Cultura é tão importante para uma verdadeira Universidade como a Ciência. Esperemos que não haja cada vez menos gente a dar por isso.

Universidade do Minho, 9 de setembro de 2016.

Notas

¹ Pereira, Virgínia (Org.), 2011. Arte no Minho, Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho.

² Pereira, Virgínia (Org.), 2013. Fernão Mendes Pinto e a Projeção de Portugal no Mundo. Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho.

³ Pereira, Virgínia e Curado, Manuel (Org.), 2014. Judeus Portugueses no Mundo – Medicina e Cultura Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho.

⁴ Teixeira, José (Org.), 2016. O Português como Língua num Mundo Global: problemas e potencialidades, Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho.

⁵ Fernando Pessoa, Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993), p. 110.